



**ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO NOS MUSEUS DO INSTITUTO BUTANTAN:
FORMAÇÃO DE EQUIPES**

**ACCESSIBILITY AND INCLUSION IN THE MUSEUMS OF THE BUTANTAN INSTITUTE:
TEAM BUILDING**

**ACCESIBILIDAD E INCLUSIÓN EN LOS MUSEOS DEL INSTITUTO BUTANTAN:
CREACIÓN DE EQUIPOS**

Karlla Kamylla Passos¹
Mariana Claudino de Melo²
Adriano Dias de Oliveira³

RESUMO

O presente texto tem o objetivo de relatar as experiências de capacitação de equipes, no contexto do projeto ‘Acessibilidade e Inclusão nos Museus do Instituto Butantan: tecnologia assistiva e formação de equipes’, financiado pelo CNPq. Os museus que compõem o projeto são: Museu Biológico, Museu de Microbiologia e Museu Histórico / Espaço Terra Firme. O Instituto Butantan (IB) atua em diversas frentes, com destaque na pesquisa e no ensino nas áreas relacionadas à sua atuação. Esse papel é representado por seus museus e espaços de atividades educacionais voltados à população, com relação direta com a Divulgação Científica e Educação museal e, conseqüentemente, à acessibilidade. Após algumas etapas que serão relatadas ao longo do artigo, o projeto proporcionou variadas formações para as educadoras/es e recepcionistas: abordagem e convivência com pessoas com deficiência; descrição de imagens; experiências de consultores/as com deficiências diversas; e Libras. As formações mostram a sua importância para maior engajamento das equipes, bem como uma melhora na segurança delas em relação as atividades educativas para públicos com deficiência. Também evidenciaram a necessidade de ações mais continuadas de formação para a equipe educativa.

PALAVRAS-CHAVE: Formação em educação museal. Acessibilidade. Inclusão. Museus.

ABSTRACT

The aim of this text is to report on the experiences of training teams in the context of the project ‘Accessibility and Inclusion in the Museums of the Butantan Institute: assistive technology and team training’, funded by CNPq. The museums that make up the project are the Biological Museum, the Microbiology Museum and the Historical Museum / Terra Firme Space. The Butantan Institute (IB) is active on several fronts, particularly in research and

Submetido em: 20/12/2024 – **Aceito em:** 24/02/2026 – **Publicado em:** 15/10/2026

¹ Doutora em Museologia – ULusófona; Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde – COC/Fiocruz; Graduada em Museologia – FCS/UFG; Professora efetiva no Departamento de Museologia – DEMUL/UFOP; Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

² Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Trabalhou como repórter em revistas e sites, e com comunicação institucional e acessibilidade na Rede Lucy Montoro. São Paulo, São Paulo, Brasil.

³ Formado em Ciências Biológicas pela Universidade Santo Amaro; mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da USP; doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Supervisor Cultural no Museu de Microbiologia Prof. Isaias Raw. São Paulo, São Paulo, Brasil.



teaching in the areas related to its activities. This role is represented by its museums and spaces for educational activities aimed at the population, with a direct relationship to scientific dissemination and museum education and, consequently, accessibility. After a few stages, which will be described throughout the article, the project provided a variety of training courses for the educators and receptionists: approaching and interacting with people with disabilities; describing images; experiences of consultants with various disabilities; and basic Libras. The training courses showed their importance in increasing the engagement of the teams, as well as improving their safety in relation to educational activities for people with disabilities. They also highlighted the need for more ongoing training for the educational team.

KEYWORDS: Training in museum education. Accessibility. Inclusion. Museums.

RESUMEN

El objetivo de este texto es informar sobre las experiencias de formación de equipos en el contexto del proyecto «Accesibilidad e Inclusión en los Museos del Instituto Butantan: tecnología de apoyo y formación de equipos», financiado por el CNPq. Los museos que integran el proyecto son: el Museo Biológico, el Museo de Microbiología y el Museo Histórico / Espacio Terra Firme. El Instituto Butantan (IB) actúa en varios frentes, en particular en la investigación y la enseñanza en las áreas relacionadas con sus actividades. Este papel está representado por sus museos y espacios para actividades educativas dirigidas a la población, con una relación directa con la divulgación científica y la educación museística y, en consecuencia, con la accesibilidad. Después de algunas etapas, que se describirán a lo largo del artículo, el proyecto ofreció diversos cursos de formación para los educadores y recepcionistas: aproximación y trato con personas con discapacidad; descripción de imágenes; experiencias de consultantes con diversas discapacidades; y Libras básicas. Los cursos de formación demostraron su importancia para aumentar el compromiso de los equipos, así como para mejorar su seguridad en relación con las actividades educativas para personas con discapacidad. También pusieron de manifiesto la necesidad de más formación continua para el equipo educativo.

PALABRAS CLAVE: Formación en educación museística. Accesibilidad. Inclusión. Museos.

O INÍCIO

A formação dos profissionais é um ponto fundamental da educação museal, conforme explicita um dos três eixos da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), (II) Profissionais, Formação e Pesquisa, a qual recomenda “promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo” (IBRAM, 2021, p. 91), e é um tópico presente em trabalhos de diversas autoras/es (Ponte e Passos, 2024; Oliveira, Silva e Silva, 2023). Luciana Martins e Mona Nascimento (2024) destacaram a falta de formação comum para a educação museal brasileira, pois o tema não é tratado como uma disciplina própria, seja na graduação ou mesmo na pós-graduação, o que evidencia ainda mais a necessidade de formações continuadas para esses profissionais no ambiente de trabalho e acadêmico.

Ainda é preciso ressaltar que há falta de oferta de formação inicial e continuada por parte dos museus às suas equipes. Os profissionais, desta forma, são impelidos a se capacitar para as funções nesses espaços a partir da observação e das orientações de seus colegas mais experientes, o que pode resultar na reprodução de práticas sem a compreensão da

fundamentação conceitual das atividades, e sem trazer transformações, questionamentos e inovações, de modo que fiquem circunscritas a singelas “imitações” (Massarani et al, 2022). Nesse sentido, Daniele Canedo e Andrea Costa (2024, p. 154) acreditam no “desenvolvimento dos(as) educadores(as) museais, por meio da participação do corpo funcional em iniciativas de formação e capacitação, o que contribui para a qualidade geral das atividades educativas”.

Com essas reflexões, este texto tem o objetivo de relatar as experiências de capacitação de equipes dos museus do Instituto Butantan (IB), em São Paulo, no contexto do projeto ‘Acessibilidade e Inclusão nos Museus do Instituto Butantan: tecnologia assistiva e formação de equipes’, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os museus que compõem o projeto são: Museu Biológico, Museu de Microbiologia Prof. Isaias Raw e Museu Histórico / Espaço Terra Firme. Além das equipes destes museus, as formações puderam contemplar também as equipes educativas do Museu da Vacina e do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas e as recepcionistas que exercem o atendimento de público nesses espaços, além do Parque da Ciência, espaço onde estão a maioria dos museus.

O IB atua em diversas frentes, com destaque para a produção de vacinas e imunobiológicos, além de protagonismo na pesquisa e no ensino nas áreas relacionadas à sua atuação. Parte desse papel é representado por seus museus e espaços de atividades educacionais voltados à população por meio da Divulgação Científica e Educação Museal. A acessibilidade é um elemento que cada vez mais compõe tais ações, de modo que exige que educadores/as dominem novos conhecimentos e práticas.

Iniciado em maio de 2023, o projeto já realizou ações com metodologias diversas como: 1 – inventário online dos recursos acessíveis que os museus já possuíam, disponibilizado aos públicos por meio do site do Parque da Ciência⁴; 2 – entrevistas com públicos com deficiência e acompanhantes para identificar perfil, hábitos de visita e opinião sobre os espaços; 3 – entrevistas com profissionais das equipes educativas, recepcionistas e posteriormente, algumas ex-funcionárias, a fim de traçar um diagnóstico sobre as ações atuais e pregressas relacionadas à acessibilidade; 4 – visitas técnicas à exposição ‘Diálogo no Escuro’, ao Museu Catavento, à Pinacoteca e ao Museu do Ipiranga, todos em São Paulo, com o objetivo de observar os recursos acessíveis que pudessem ser usados nos museus que compõem o projeto; 5 – diagnóstico da acessibilidade dos museus do Instituto Butantan; 6 – **capacitações e formações da equipe educativa e recepcionistas, ministradas por empresas especializadas e consultores/as com deficiência**; 7 – concurso para a criação de um sinal em Libras para cada museu do IB (exceto o Museu de Microbiologia por já ter um sinal) aberto ao público surdo⁵.

⁴ Disponível em: <<https://parquedaciencia.butantan.gov.br/museus-acessiveis>>. Acesso em: 11 out. 2024.

⁵ Disponível em: <<https://parquedaciencia.butantan.gov.br/noticias/butantan-escolhe-nomes-em-libras-para-seus-museus-conheca-os-vencedores-do-concurso>>. Acesso em: 24 out. 2024.

As próximas ações previstas consistem em implementação de recursos de tecnologia assistiva nas exposições, como objetos táteis com textura, audioguias, e vídeos em Libras, entre outros, produzidos por empresa especializada em acessibilidade cultural, e visita às exposições por grupos de pessoas com deficiência para avaliação dos recursos implementados. Neste artigo, vamos nos concentrar no item seis, ou seja, na formação das equipes em prol de uma educação museal mais acessível e inclusiva.

CAMINHOS ATÉ AS FORMAÇÕES

O projeto partiu de algumas fases que antecederam as formações das equipes educativas, visto que tínhamos o objetivo de primeiro mapear quais seriam as formações necessárias e mais urgentes. A metodologia foi dividida em três grandes etapas. Primeiro, a fim de traçar um perfil dos visitantes com deficiência e entender as condições de acessibilidade dos museus, realizou-se entrevista por meio de formulário com esse público. Essa etapa foi importante para fomentar adequações nos espaços, uma vez que tais informações não haviam sido levantadas sistematicamente. Após o início do projeto, consideramos importante incluir outros grupos dentre as pessoas entrevistadas além do público com deficiência que visitava o espaço expositivo. Desta forma, entrevistamos também as monitoras/es e educadoras/es dos museus do IB, por estes/as profissionais terem mais contato com o público em geral e, a partir de suas experiências, agregarem informações quanto à aquisição de recursos acessíveis e às formações para que tivessem mais confiança em seus atendimentos. Também entrevistamos profissionais que tiveram iniciativas em relação a acessibilidade e a inclusão nos museus do Instituto, mas que já não faziam parte das equipes.

E por fim, convidamos profissionais com variadas deficiências, de diversos setores, que atuam no IB – e integram o grupo institucional Conexão sem Barreiras, até o início do projeto era chamado de Núcleo de Apoio à Pessoa com Deficiência (NAPDE), criado em 2019 –, para visitarem os museus e compartilharem sua experiência em relação à acessibilidade. Ao todo, foram entrevistados/as 14 visitantes com deficiências e/ou seus/suas acompanhantes; sete recepcionistas; cinco ex-funcionárias; 28 educadoras/es, monitoras/es e líderes educacionais. Com essas entrevistas realizadas, elaboramos um diagnóstico da acessibilidade nos museus do Instituto, que acabou também abordando as questões de acessibilidade física do Parque da Ciência, onde quatro dos cinco museus do Butantan estão localizados. Nesse diagnóstico, apontamos os recursos de tecnologia assistiva e as formações que se mostravam necessárias e mais urgentes, visto que o projeto não consegue abordar todas as necessidades pelo tempo de dois anos estabelecido pelo CNPQ, e pelo recurso financeiro disponibilizado.

O contato dos museus com o público é intermediado por recepcionistas e monitores/as, e

envolve práticas de cunho atitudinal e comunicacional. A inclusão e a acessibilidade devem estar presentes nesses momentos. Na medida que o diagnóstico ficou pronto e nele apontamos, entre outras questões, os pontos mais urgentes de serem implementados junto as equipes, direcionamos as formações para o aspecto da acessibilidade atitudinal, que se trata de uma “capacitação da equipe envolvida para se relacionar com pessoas com deficiência de forma respeitosa, sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações” (Aidar; Costa e Silva, 2024, p. 175).

A etapa seguinte foi a busca de empresas que oferecessem esse serviço na cidade de São Paulo. Entramos em contato com três instituições e apenas uma nos deu um melhor retorno, nos fornecendo uma lista de cursos que oferecem. Com a referida lista em mãos, optamos por três cursos que mais se encaixavam às necessidades do projeto e à disponibilidade de recurso financeiro. Como lidamos com diferentes tipos de deficiência, foram organizados cursos de acordo com três grupos de acessibilidade: surdez, cegueira e intelectual. As aulas teóricas e práticas para cada tipo de deficiência foram ministradas por instituições e profissionais especializados/as para cada um dos três grupos mencionados, pois o intuito foi garantir maior nível de conhecimento e não uma generalização da formação.

Os cursos escolhidos foram: ‘Abordagem e atendimento a pessoas com deficiência’; ‘Convivendo com a Deficiência Visual’; ‘Descrição de imagens’. O primeiro teve carga horária de quatro horas e, os demais, de duas horas. As equipes dos cinco museus e recepcionistas foram divididas em três turmas de cerca de 20 pessoas cada. Assim, cada uma dessas formações fora ofertada três vezes para contemplar a maior parte das equipes, sem turmas muito grandes. A divisão foi feita a partir da escala de trabalho, de modo que parte das equipes estivessem nos museus e outra parte nessas formações. Participaram da formação educadoras/es, monitoras/es, recepcionistas, supervisoras/es, coordenadoras e líderes educacionais. As formações aconteceram de abril a junho, nos turnos matutino e vespertino, dentro do horário de trabalho das equipes. Foram presenciais para maior e melhor interação das equipes com as pessoas que as ministraram.

Chegamos a pensar se seria interessante que as equipes assinassem um documento se comprometendo a permanecer no Instituto após as formações, mas a ideia não foi acolhida por acreditarmos que isso podia diminuir o engajamento e participação. Cogitamos a possibilidade de adquirir uma parte dos cursos em formato remoto para futuras/os profissionais que cheguem aos museus visto a rotatividade das equipes, uma vez que várias pessoas entrevistadas na primeira etapa do projeto e que pediram determinadas abordagens nas formações já não estavam mais no IB quando estas começaram. Mesmo assim, optamos por não adquirir o conteúdo remoto pela importância de que as formações para equipes educativas sejam continuadas e sempre atualizadas de acordo com o que o campo em questão, no caso a

acessibilidade e inclusão, está discutindo no momento.

Em paralelo, buscamos uma empresa para formação em Libras, no nível básico. Para essa capacitação, que foi uma demanda das próprias equipes entrevistadas na primeira fase do projeto, priorizou-se também o formato presencial, considerando que o aprendizado seria mais interativo e dinâmico, sendo no formato *in company*, visto que o deslocamento de funcionários até uma escola de Libras poderia enfrentar limitações institucionais, considerando a carga horária de trabalho das equipes. Desta forma, firmou-se contrato com uma instituição que se encaixava nesses requisitos. Para a formação básica proposta por essa empresa, o curso contava com 30 horas, sendo divididas em duas horas semanais por quinze semanas. Dessa forma, foi escolhido o horário no qual os museus ainda não estão recebendo público, entre 8 e 9 horas, a fim de evitar que o funcionário/a seja mobilizado/a ou impedido/a de acompanhar as aulas por conta de demandas dos espaços culturais. Foram convocados/as educadores/as, monitores/as, recepcionistas e demais profissionais que estão em contato com o público em espaços culturais e de exposições, mas que recebem outras denominações (por exemplo, equipe da biblioteca, Laboratório Didático e Centro de Memória). Assim, foram formadas duas turmas, a primeira com aulas entre maio e agosto e a segunda entre agosto e novembro. Todos os/as participantes que concluíram a formação com menos de sete faltas receberam certificado.

Passados alguns meses do primeiro ciclo acima descrito, sentimos a necessidade de ampliar as formações com um segundo ciclo, aproveitando que os recursos acessíveis já estavam em produção e o projeto ainda tinha recurso financeiro. Para essa etapa, entramos em contato com a museóloga, que trabalha com acessibilidade cultural, Carla Grião, parceira do projeto desde o início, para que ela integrasse esse segundo ciclo de formações e indicasse profissionais com deficiência que pudessem integrar esse momento. A partir das indicações, essa nova rodada de formações ocorreu com mais três profissionais, todos remunerados pelo projeto: Andrey Marcondes, arquiteto e urbanista, pessoa com surdo-cegueira; Tuca Munhoz, consultor em acessibilidade e pessoa em cadeira de rodas; Edinho Santos, educador museal, pessoa surda.

Esse segundo ciclo de palestras e oficinas foi dividido em dois blocos. O primeiro fez parte da agenda institucional do IB, no formato de workshop, em conjunto com o já mencionado Conexões sem Barreiras e aberto a toda comunidade do Instituto, com o título “Acessibilidade e inclusão”, que aconteceu em um mesmo dia com palestras de Andrey Marcondes e Tuca Munhoz. A fim de contemplar as diferentes jornadas de trabalho, as palestras aconteceram no período da manhã e foram repetidas à tarde. Já o outro bloco foi mais direcionado à acessibilidade nos museus e direcionado apenas as/aos profissionais desses espaços, e contou com a presença de Carla Grião e de Edinho Santos, que expuseram suas experiências com educação museal em duas manhãs.



RESULTADOS E APRENDIZADOS

Foram muitos os aprendizados durante as formações, discussões potentes, ausências e outros pontos que abordaremos de forma detalhada em cada etapa.

Primeiro ciclo de formações

A primeira capacitação, ‘Abordagem e atendimento a pessoas com deficiência’, foi ministrada por um psicólogo que atua na área de reabilitação de pessoas com deficiência. Buscando abordar um contexto mais geral, inicialmente, trouxe o conceito de deficiência convencionado pela ONU e as tipologias. Na etapa das abordagens, procurou desmistificar alguns preconceitos e pediu que os/as participantes organizassem uma roda de conversa para facilitar as discussões. O palestrante também realizou dinâmicas durante o treinamento, que envolviam se autodescrever, abordar e guiar uma pessoa cega por um ambiente e se comunicar com algum/a visitante que só falasse Libras. Nesta capacitação, alguns funcionários(as) trouxeram experiências frustrantes que tiveram no atendimento a pessoas com deficiência nos museus do IB, tais como, falta de recursos e ausência de treinamentos para fazer uma boa mediação. E as falas puderam ser acolhidas e refletidas em conjunto, mesmo diante de alguma resistência de pessoas da gestão dos museus e dos educativos que estavam participando dessa formação.

No entanto, apesar do tema trazido discutir justamente a abordagem que se deve ter com pessoas com deficiência, segundo relato de uma das participantes, que é autista e usava o cordão de girassóis que a identificava como uma pessoa com deficiência oculta, o palestrante não a abordou adequadamente em uma das interações que tiveram na capacitação. Na ocasião, ele a questionou em frente às demais pessoas quanto à deficiência que ela apresentava, o que a deixou pouco à vontade. Segundo ela, ele lhe mostrou mais o que não fazer em caso de abordar uma pessoa com autismo.

A segunda capacitação, ‘Descrição de imagens’, também não foi ministrada por uma pessoa com deficiência (figura 1). As duas profissionais que ministraram a formação trabalham com gravação de audiodescrição na empresa contratada, que também oferece esse serviço. Além de uma apresentação com slides sobre o tema, houve dinâmicas para que os/as profissionais participantes se autodescrevessem e descrevessem objetos e espaços que fazem parte das exposições dos respectivos museus, demonstrando ser a capacitação menos reflexiva e mais “prática” das oferecidas. Um consultor cego, que presta serviços para a empresa, acompanhou essa capacitação fazendo a “validação” das descrições feitas pelas equipes no curso, apontando melhorias e correções no que era apresentado.



Figura 1. Segunda turma da capacitação – Descrição de Imagens.

Fonte: Equipe do projeto do CNPQ.

Descrição da imagem: foto de uma turma tendo aula em um auditório, com várias pessoas sentadas em cadeiras coloridas e uma mulher vestida com camiseta preta e calça cinza falando à frente. Ao fundo, uma tela grande onde é projetada a sua apresentação.

A capacitação ‘Convivendo com a Deficiência Visual’, foi a única neste ciclo ministrada por uma pessoa com deficiência. A palestrante, que se tornou cega há alguns anos por conta da evolução de uma miopia, relatou o cotidiano de alguém com cegueira total, buscando trazer um recorte mais real do convívio com a deficiência e familiarizar os/as participantes com o dia a dia de uma pessoa que não enxerga (figura 2). Moradora da região de Parelheiros, na Zona Sul da capital paulista, apresentou, na forma de um bate-papo, os desafios que encontra para utilizar transporte público e trabalhar, e destacou as ferramentas que utiliza para executar suas tarefas. Apresentou também, brevemente, softwares em seu celular que a ajudam na descrição de ambientes apenas apontando a câmera do celular, e o leitor de tela para utilizar notebook, além de falar sobre a importância do uso da bengala no seu cotidiano. Ainda, abordou os desafios enfrentados ao se deparar com as barreiras atitudinais, principalmente com as interações preconceituosas que precisa lidar no transporte público. Questionada por um dos participantes, demonstrou como deve ser feita a condução de uma pessoa cega por um espaço que ela não conhece.



Figura 2. Segunda turma da capacitação – Convivendo com a deficiência visual.
Fonte: Equipe do projeto do CNPQ.

Descrição da imagem: foto com várias pessoas sentadas em cadeiras coloridas em um auditório assistindo a uma palestra ministrada por uma mulher em pé, usando uma camiseta preta e óculos escuros, atrás de um notebook.

Após essas formações, foi possível organizar uma visita com um grupo de funcionários/as dos museus à sede da instituição contratada (figuras 3 e 4). Na visita, os funcionários(as) tiveram oportunidade de entender o processo de impressão em Braille e como é feito o atendimento às pessoas que procuram a instituição.



Figuras 3 e 4. Funcionárias dos Museus do Butantan explorando uma parede com dizeres em Braille, ao lado direito, equipe dos museus assiste à explicação sobre impressão de livros em Braille.
Fonte: Equipe do projeto do CNPQ.

Descrição das imagens: fotos de várias pessoas em pé observando materiais em Braille na parede e uma máquina de impressão de Braille, ouvindo a explicação de um homem que fala sobre a instituição. Ele veste camisa escura e usa óculos.



Formação em Libras

As aulas para a capacitação em nível básico na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) previam um pequeno vocabulário para conversas simples, que permitissem diálogos de atendimento e abordagem de pessoas surdas que visitassem os museus. Nas primeiras semanas foi apresentado o alfabeto em Libras, o vocabulário básico seguindo uma apostila (meses do ano, cores, alimentos, animais, estados do país, etc), além de filmes temáticos sobre a deficiência, a fim de familiarizar os/as profissionais (todos/as ouvintes) ao cotidiano de uma pessoa surda ou surdocega (figura 5). Com o fim dessa introdução, as aulas seguiram com interpretação de música para pessoas surdas e diálogos em Libras, com conteúdos específicos para atendimento em diferentes setores, a fim de garantir que cada participante obtivesse desenvoltura mínima para receber pessoas surdas no espaço em que trabalha. Não estava prevista na capacitação a fluência em Libras, de forma que a equipe tem habilidade para acolher a pessoa surda no museu, mas não fazer a mediação completa do conteúdo.

Foi uma experiência muito rica e de maior contato com a cultura da comunidade surda, inclusive com a participação de pessoas surdas em algumas aulas, como o caso de dois integrantes do Conexões sem Barreiras. Uma das convidadas é uma pessoa surda e oralizada, que relatou brevemente sua história de vida no que diz respeito a descoberta da surdez pela família e os desafios enfrentados na escola regular até os primeiros contatos com a Libras, que se deu ao conhecer uma professora intérprete quando trabalhou em um hospital, fato que mudou sua vida. O outro convidado é uma pessoa com surdez profunda. Durante a aula com ele, o foco foi tentar acostumar os participantes a se comunicarem apenas pelos sinais, sem falar, propondo uma experiência de como seria receber uma pessoa com as mesmas características dele nos museus. Além disso, ele atribuiu sinal de identificação para quem ainda não tinha. O curso foi organizado basicamente seguindo uma apostila fornecida pela instituição contratada e por exercícios de interpretação, individual ou em grupo, sendo que em um dos exercícios a proposta foi trabalhar com conteúdos relacionados ao atendimento básico de público.



Figura 5. Primeira aula da primeira turma de Libras.

Fonte: Equipe do projeto do CNPQ.

Descrição da imagem: foto de várias pessoas sentadas em cadeiras coloridas em um auditório. Duas mulheres estão em pé, uma está olhando para a outra que sinaliza em Libras, ambas estão usando roupas escuras.

É importante fazer um registro de situações vivenciadas ao longo do curso que estiveram para além do conteúdo tratado. A primeira delas foi em relação a não entrega de um cronograma das aulas e seus respectivos conteúdos, o que tornou mais desafiador para as turmas acompanharem as aulas. Mesmo sendo exposto para a professora que tal documento ajudaria na organização das aulas e de cada cursista, sobretudo, por uma educadora que é autista e que mencionou que saber o que será tratado antes nas aulas evita picos de ansiedade, ela não entregou esse plano pedagógico. Ainda nesse cenário, os/as participantes tinham expectativa de obter mais conteúdo relativo as temáticas dos museus, embora tenha sido exposto no início que se trata de um curso introdutório. Após muitas solicitações foi elaborado um documento com informações básicas sobre cada espaço com intuito de ajudar na preparação de cada um quanto a uma recepção que minimamente possibilitasse orientar o/a visitante surdo/a sobre como funciona e o que oferece cada exposição.

A segunda situação, e mais grave, foi referente a comentários a religiões de matriz africana e a comunidade LGBTQIA+ por parte da professora. Em mais de um momento ela demonstrou desrespeito a esses grupos, por exemplo, ao ter que apresentar sinais em Libras referente a eles sem estar preparada para tal ou mesmo por desacatos que não estavam no contexto da aula. Estamos refletindo neste artigo sobre formação em educação museal, o que inclui acessibilidade e inclusão, o que envolve noções sempre atualizadas sobre diversidade de públicos. Ainda, quando se pensa em acessibilidade e inclusão, não há mais espaço para restrição do assunto à esfera da deficiência, deve-se considerar todas as demais esferas sociais, como gênero, raça, entre outras, sendo inadmissível que uma capacitação que se propõe a trazer inclusão ao museu apresente qualquer outro tipo de discriminação, especialmente sendo museus

espaços que estão cada vez mais em busca de ampliar a quantidade e a diversidade do público visitante.

As situações expostas acima podem ter comprometido a continuidade de algumas pessoas que participavam da formação, e certamente implicou em um menor envolvimento nas aulas no período em que essas ocorrências aconteceram. Vale registrar que a coordenação do projeto se reuniu com a professora expondo essas insatisfações e situações desrespeitosas. Após essa conversa houve melhora na postura da professora em relação as ofensas, porém, um cronograma de conteúdos não foi elaborado, apenas o preparo do exercício de conteúdos de atendimento de cada museu.

Por fim, a dinâmica do curso também pode ser desafiadora para pessoas tímidas, como percebemos empiricamente, uma vez que envolve diálogo e aprendizado em grupo, além de apresentações individuais. Alguns participantes chegaram a deixar de frequentar as aulas conforme o conteúdo ia avançando e exigindo interações e demonstrações dos sinais já aprendidos (como as apresentações de interpretação de música, por exemplo – figuras 6 a 8). Consideramos relevante adicionarmos essa informação, ainda que algumas pessoas tenham vencido essa barreira e seguido no curso, outras chegaram a sair por esse motivo, de fato.

Cabe um breve balanço dessa formação, uma vez que foi a que demandou mais tempo e logística dentro do projeto. Como o efetivo dos museus e recepção, mais os/as funcionários/as de outros setores convidados para participar dessa formação, somava em torno de 60 pessoas, foi necessário a criação de duas turmas, para não comprometer o funcionamento de cada setor, mas, sobretudo, por ser a capacidade pedagógica estabelecida pela empresa contratada. Ainda que seja recorrente formações com maior tempo de realização sofrerem baixas e intercorrências, acreditamos que os fatos anteriormente anunciados podem ter interferido no comprometimento dos/as participantes. Essa hipótese pode ser aferida quando feito um balanço da quantidade de participantes entre início e final de cada turma apresentados no quadro (1) abaixo.

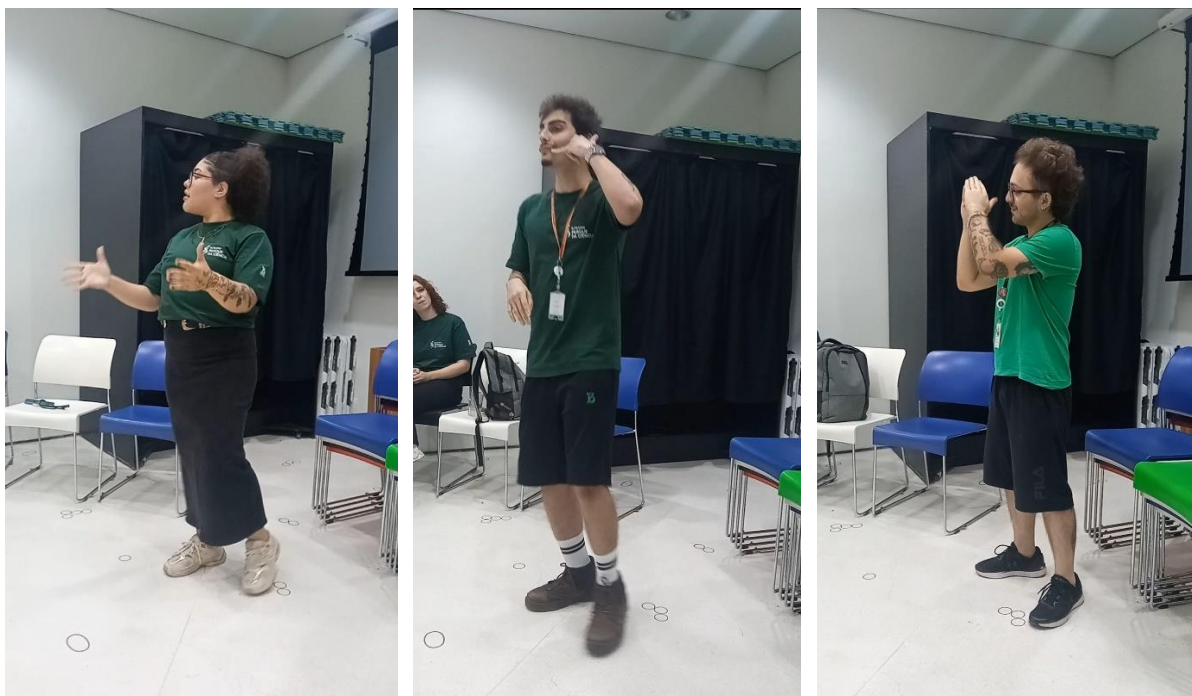
Quadro 1. Balanço participação turmas curso de Libras

	Inscritos/as	Desligamentos	Afastamentos	Formados
Turma 1	27	1	1	16
Turma 2	31	2	0	22

Fonte: Equipe do projeto do CNPq

A intenção aqui é expor as impressões gerais vivenciadas ao longo das duas turmas. Para uma análise mais detalhada do curso seria necessário o uso de outra metodologia, por exemplo, coleta de dados junto aos/as participantes por meio de entrevistas. Contudo, o breve balanço nos fornece indicativos de como tais situações podem ter impactado na continuidade e

engajamento dos/as funcionários/as ao longo do curso. Além disso, situações em cada setor pode ter também contribuído para desistências. A coordenação do projeto teve conhecimento de casos em que integrantes das equipes foram convocados/as para algumas tarefas em seus setores durante o horário do curso, o que indica a necessidade do comprometimento passar também pela gestão de área.



Figuras 6, 7 e 8. Participantes da segunda turma da formação básica em Libras interpretam músicas para os demais colegas durante o curso.

Fonte: Equipe do projeto do CNPq.

Descrição das imagens: fotos de uma mulher e dois homens interpretando músicas em Libras, todos vestem camiseta de uniforme verde, saia e bermuda escura. No fundo algumas cadeiras coloridas.

Segundo ciclo de formações

O segundo ciclo partiu da necessidade, já mencionada, de ampliar o leque das deficiências abordadas nos cursos e trazer mais protagonismo às pessoas com deficiência em sua concepção. O primeiro bloco do segundo ciclo, aberto para todo o IB, foi realizado em parceria com o Conexões sem Barreiras, que fez toda parte de divulgação e agenda institucional do evento e que providenciou intérpretes de Libras em uma das duas sessões. As formações aconteceram em um dos únicos auditórios que é acessível à cadeira de rodas do IB e teve cerca de 50 pessoas nas duas turmas (figura 9). Tuca Munhoz falou a respeito de ‘Microacessibilidade e a cidade do cuidado’, trazendo uma reflexão sobre as suas experiências na cidade de São Paulo e o que poderia ser melhorado. É um profissional que não acredita na acessibilidade, pois para ele essa

condição ainda não existe.

Andrey Marcondes tratou da ‘Mentalidade inclusiva na facilitação de uma experiência acessível’. Enquanto pessoa com deficiência, Andrey apresentou números atualizados sobre pessoas com deficiências e possibilidades de convivências mais acessíveis e inclusivas. Além de sugerir melhorias na acessibilidade dos museus, visto que quando foi convidado para a formação fez questão de visitar os museus junto de sua namorada, que tem mobilidade reduzida. Houve a participação das equipes educativas no momento das perguntas, além de pessoas dos setores de Recursos Humanos e da Comunicação Institucional da Fundação Butantan, assim como de funcionários/as de outros setores do Instituto.



Figura 9. Turma do primeiro bloco do Segundo ciclo de formações

Fonte: Equipe de Comunicação do Instituto Butantan.

Descrição da imagem: foto de várias pessoas em um palco posando, algumas sentadas e outras de pé, elas sorriem. No fundo, bandeiras do Brasil e do Estado de São Paulo, e um púlpito.

O segundo bloco do segundo ciclo de formações aconteceu no auditório do Museu de Microbiologia e dividido em dois dias, que contou com cerca de 20 pessoas em cada turma (figura 10). Na primeira manhã, tivemos a participação de uma intérprete de Libras, que tornou acessível a explanação em Libras do palestrante Edinho Santos para nós, ouvintes. Mas por falhas de comunicação em português entre a equipe do projeto e o convidado, somente na segunda manhã tivemos mais uma intérprete para que ele pudesse acompanhar a apresentação seguida à sua. Nas duas turmas, Edinho tratou sobre seu percurso como um educador surdo nos museus da cidade de São Paulo, que teve início no Museu de Arte Moderna (MAM) e que há

quase 10 anos integra a equipe de educação do Itaú Cultural. Ao longo desse tempo, ele provocou mudanças na instituição, tais como: a presença de intérpretes de Libras nas reuniões; comunicação cada vez mais em Libras entre a equipe; maior inserção dos recursos acessíveis nas exposições, à disposição do público em geral; entre outros tópicos.



Figura 10. Turma do segundo bloco do Segundo ciclo de formações
Fonte: Equipe do projeto do CNPq.

Descrição da imagem: foto com várias pessoas em um auditório, posando, algumas estão agachadas e outras de pé, todas sorriem. No fundo cadeiras coloridas e uma parede branca.

A museóloga Carla Grião, por sua vez, trouxe a apresentação ‘Educativos para a diversidade em Museus, além de Experiência Estética; Aprendizagem Inventiva e Transformativa; Tradução de valores simbólicos’. As equipes dos museus, nas duas turmas, se sentiram representadas pelas falas desses colegas que atuam em museus, e fizeram muitas perguntas. Houve um entendimento de que todos passam por dificuldades muito parecidas quando tem que promover uma educação museal mais acessível e inclusiva. O debate discutiu temas como o desafio da construção de recursos didáticos acessíveis para a temática tratada, de forma que sejam não só acessíveis, mas preservem o rigor científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formações mostraram a sua importância para maior engajamento das equipes à área da acessibilidade, e ajudou no empoderamento para o atendimento dos públicos com deficiência. A iniciativa também evidenciou a necessidade de ações continuadas de formação para a equipe



educativa, considerando não apenas a rotatividade de funcionários do setor Cultural do IB, mas também por se tratar de um tema em contínua construção frente às barreiras que se apresentam não só nos espaços culturais, mas na sociedade.

A partir do que foi apresentado, passamos a acreditar cada vez mais que “a capacitação das equipes educativas para o desenvolvimento de projetos e ações de acessibilidade [...] pode ser um bom meio a ser implementado pelos gestores públicos da área museológica, a fim de ampliar e qualificar a acessibilidade em um país com enormes desafios relativos à iniquidade como é o nosso” (Aidar; Costa e Silva, 2024, p. 185). Com as formações, conseguimos caminhar mais em direção a uma educação museal praticada nos museus que seja mais acessível e inclusiva.

Contudo, é importante evidenciar que as iniciativas relacionadas à acessibilidade nos espaços culturais do IB são historicamente pontuais, e embora exista um reconhecimento entre os pares e demais áreas, os museus ainda enfrentam dificuldades para institucionalizar programas contínuos de acessibilidade e inclusão. No entanto, é possível afirmar que os avanços promovidos pelo projeto em questão, no que diz respeito a museus de ciências mais democráticos, permitem que esses locais excluam cada vez menos pessoas do acesso à informação e a memória.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Gabriela. COSTA E SILVA, Clarissa Narai. Um olhar sobre a acessibilidade nos museus brasileiros a partir da PEMBrasil. In: *Educação Museal Brasileira: reflexões a partir dos resultados da PEMBrasil* / Daniele Pereira Canedo, Mona Nascimento, José Roberto Severino, organizadores. – Salvador : EDUFBA, 2024. 226 p. – (Coleção Cult). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/40007/1/cult39-REPO.pdf> Acesso em 20 dez. 2024.

CANEDO, Daniele. COSTA, Andrea. A institucionalização de setores educativos nos museus brasileiros: uma análise a partir da Política Nacional de Educação Museal. In: *Educação Museal Brasileira: reflexões a partir dos resultados da PEMBrasil* / Daniele Pereira Canedo, Mona Nascimento, José Roberto Severino, organizadores. – Salvador : EDUFBA, 2024. 226 p. – (Coleção Cult). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/40007/1/cult39-REPO.pdf> Acesso em 20 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Portaria Ibram nº 605, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal – PNEM e dá outras providências.* Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 159, n. 153, p. 91, 13 ago. 2021. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/08/2021&jornal=515&pagina=92&totalArquivos=155>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MARTINS, Luciana; NASCIMENTO, Mona. A questão da profissionalização da educação museal no Brasil. In: *Educação Museal Brasileira: reflexões a partir dos resultados da PEMBrasil* / Daniele Pereira Canedo, Mona Nascimento, José Roberto Severino, organizadores. – Salvador : EDUFBA, 2024. 226 p. – (Coleção Cult). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/40007/1/cult39-REPO.pdf> Acesso em 20 dez. 2024.

OLIVEIRA, Adriano Dias de; SILVA, Maurício André da; SILVA, Maurício Candido da. Educação museal em tempos de crise: reflexões sobre novas práticas educativas. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587778112> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1218 . Acesso em 13 dezembro. 2024.

PONTE, Beth; PASSOS, Karlla Kamylla. Perfil dos (as) educadores (as) museais brasileiros (as): questões de gênero e outras reflexões. In: *Educação Museal Brasileira: reflexões a partir dos resultados da PEMBrasil* / Daniele Pereira Canedo, Mona Nascimento, José Roberto Severino, organizadores. – Salvador : EDUFBA, 2024. 226 p. – (Coleção Cult). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/40007/1/cult39-REPO.pdf> Acesso em 20 dez. 2024.

Agradecimentos

Ao CNPq pelo financiamento do projeto. A equipe de todos os museus do Instituto Butantan que abraçaram o projeto, especialmente a etapa das formações. As/aos profissionais que deram as formações, especialmente aquelas e aqueles com deficiência.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.